

## O RESPIRO DO SILÊNCIO: MANIFESTAÇÕES DE MA NAS OBRAS DE HAYAO MIYAZAKI E JOE HISAISHI

Beatriz Correia Fernandes  
Instituto Alpha Lumen  
Beatrixcorreiafernandes@gmail.com

Pedro Daniel Zanin Cecilio  
Instituto Alpha Lumen  
pedrozcecilio@gmail.com

Débora Regina Magalhães Diniz  
Instituto Alpha Lumen  
tcc.alphalumen@gmail.com

### Resumo

Os filmes do Studio Ghibli de Hayao Miyazaki têm ganhado cada vez mais atenção, sendo reconhecidos tanto pelo estilo de arte e animação, quanto suas trilhas sonoras, compostas por Joe Hisaishi, que se costumam nos filmes. Tendo isso em vista, procuramos com esse trabalho buscar as filosofias atreladas à essas narrativas, e assim entender um pouco mais das relações dos personagens com o tempo, com o espaço, seus antepassados, suas histórias. Assim, decidimos pensar em Ma com as imagens criadas pelo entrelaçamento das técnicas de animação e as trilhas sonoras, pois a linguagem da animação se articula e cria esses conceitos, mundos e vivências. Estudamos aqui como é o modo de contar uma história. Ma remete à espera, ao vazio, ao silêncio, ou espaço entre. Mas diferente de como isso é visto nas bases ocidentais como aristóteles, de que o nada representaria uma falta, Ma denota o devir. Buscamos aprender com Ghibli, a sensação de Ma produzida.

**Palavras Chave:** Ma, Studio Ghibli, Joe Hisaishi, Hayao Miyazaki

### Introdução

Studio Ghibli é o estúdio de animação japonês mais conhecido tanto no Japão quanto internacionalmente e trabalha com animação feita à mão desde 1985. É conhecido por seus roteiros, suas pautas ambientais, seus visuais e escolhas estéticas vibrantes e diferentes, assim como suas músicas que trazem vida às animações. Muitos fãs contam que as trilhas sonoras compostas por Joe Hisaishi trazem calma, e um sentimento de nostalgia, assim como uma valorização da infância. Em geral, os filmes são considerados para o público infantil, mas também atraem muitos olhares de outras pessoas, assim como da crítica. Os filmes escolhidos para a realização do trabalho foram todos dirigidos por Hayao Miyazaki, e tiveram suas músicas compostas por Joe Hisaishi. Sendo eles; A viagem de Chihiro, Castelo animado e o serviço de entregas da Kiki. Foram escolhidos pois se mostram parecidos em estética de imagem e som, além de serem também os mais conhecidos e pesquisados pelo público do Studio. No decorrer deste trabalho os filmes de Miyazaki serão utilizados como dispositivos para com eles discutir conceitos de filosofia, como Ma, além de também considerar o contexto religioso e filosófico

do espaço no qual o estúdio se encontra. Também serão analisadas as trilhas sonoras e animação dos longa-metragens, e discutir como essas técnicas funcionam juntas para criar a estética audiovisual do Studio. Ma é um conceito de origem japonesa, e traz uma ideia complexa, e pouco comum no mundo ocidental. Consiste de uma valorização do vazio no espaço e no tempo. Tal abstração está presente nos mais diversos aspectos do cotidiano, mas é especialmente encontrada em formas de arte, e isso será analisado ao decorrer deste estudo. Vale ressaltar que Ma é um conceito que decorre de milênios e que seu entendimento é tão controverso ao ponto de não haver um consenso entre os pesquisadores em pontuar uma única compreensão da ideia. “Todos são unânimes, por exemplo, em pontuar que Ma seja algo reconhecível, mas não verbalizável como conceito e que constitui um modo de pensar próprio dos japoneses.” (Okano, 2014). Hayao Miyazaki e Joe Hisaishi ao transpor em suas obras os conceitos de Ma, transmitem a mensagem da valorização de uma cultura da pausa e do silêncio, não como uma falta de sentido, tampouco uma falha, mas como um espaço de possível criação e que transborda de significado.

### **Miyazaki: Detalhismo desde o começo**

O diretor de animação Hayao Miyazaki, hoje em dia amplamente premiado, sempre fez um trabalho extremamente detalhista, mesmo antes do Studio Ghibli. Porém todo esse cuidado, que hoje parece uma grande vantagem, era visto como um claro obstáculo para o animador antes de fundar seu estúdio. Em seus primeiros empregos como animador, era preciso cumprir corridos, como quando trabalhava na produtora Toei Animation como animador principal de “Horus- o príncipe do sol” (de 1968), ou quando atuou como responsável pelo planejamento de cenas e layout na série animada “Heidi” (no original Arupusu no Shoujo Haiji de 1974), grande sucesso entre os animes da época. (Teixeira; Nakata, 2014). Tendo dito isso, foi somente em 1984, quando Miyasaki juntou forças com seu colega animador Isao Takahata que foi possível trabalhar com aquele nível de detalhe e dedicação do jeito que sempre quis em um longa animado. O primeiro filme de animação dirigido e produzido pela dupla, foi Nausicaa do vale do vento (Kaze no Tani no Naushika 1984), baseado no mangá (modelo de histórias em quadrinho japonesas) de Hayao: “Nausicaã do vale do vento”. Esse filme foi premiado com o “Kinema Junpo Award, Readers' Choice Award for Best Film” já deixando seu legado desde cedo. Assim começou a semente do que depois se tornaria um dos estúdios mais conhecido do japonês.

### **Animação e arte**

A arte da animação é complexa, e traz outras características além da composição das cenas estáticas. Entende-se que animar é a arte de combinar desenhos bidimensionais parados, para fazer uma ilusão, e dar um truque no cérebro de quem está vendo, de que aquelas histórias e personagens são reais. Como é contado no livro “the illusion of life”, as pessoas sempre procuram representar o mundo ao seu redor. Primeiro, um artista vai fazer representações;

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

pinturas, esculturas. é um desejo irresistível de mostrar o que o rodeia de uma forma reconhecível. Por isso se observa o que quer representar, e então cria-se ícones. Depois, quando se torna mais habilidoso, este artista tende querer capturar algo a mais. Tenta mostrar os movimentos de uma criatura, por exemplo— um salto, uma luta, um olhar. “E, finalmente, ele busca retratar o próprio espírito de seu tema. Por alguma razão presunçosa, o homem sente a necessidade de criar algo próprio que pareça estar vivo, que tenha uma força interior, uma vitalidade, uma identidade separada — algo que fale com autoridade — uma criação (que dê a ilusão de vida).” (Frank Thomas, 1997).

### **Técnicas e processos criativos do Studio Ghibli**

Animação 2D feita à mão é uma técnica antiga, na qual é preciso desenhar todas as frames em papel, às vezes transparente, às vezes opaco, e apenas colorir utilizando do digital. Essa técnica foi amplamente utilizada, tanto no Japão na indústria de animes, quanto nos Estados Unidos, pelos estúdios como Disney e Pixar, além de ter sido utilizada para fazer filmes no Brasil também. Hoje em dia, muitos estúdios acabam abandonando completamente o uso de papel físico na produção das animações, só que essa arte continua muito presente no Studio de Miyazaki. O Studio Ghibli começou a fazer cinema assim desde sua criação, e continua com essa tecnologia até hoje, sem grandes mudanças. O processo Ghibli é conhecido por começar com desenho e terminar com desenho, já que Miyazaki nunca começa com um script escrito, e diz limitar a história. Tudo começa com rascunhos, e cenas desenhadas, que Miyazaki produz, e vai juntando em uma narrativa. Depois de mais formada, esses quadros são passados para Joe Hisaishi que compõem as trilhas sonoras, e depois manda para o Studio Ghibli novamente. O diretor então desenha todas as cenas, e o resto do estúdio faz a parte de limpeza (redesenhar com linhas menos tremidas, em um formato mais finalizado), e inbetweens (adicionar mais frames entre as poses principais). Mesmo não sendo exatamente o trabalho de um diretor, Miyazaki revisa todas as cenas animadas, e tem completo controle de como será o produto final de seus filmes. (ARAGAWA, 2024). Ao estudar mais sobre como é feita a produção dos filmes Ghibli, fica evidente como o Ma aparece, não só no produto final, mas também no próprio processo. O tempo que se espera para completar um filme é bastante valorizado, com as técnicas de pinturas a mão é preciso esperar as tintas secarem, apontar os lápis, e isso reflete Ma.

Outra característica dos filmes abordados é que estão em 12 FPS (frames por segundo), ou seja, ao invés de 24 desenhos por segundo, aparecem somente 12 desenhos, às vezes até menos. Hoje em dia este tipo de animação é amplamente utilizado em outros estúdios também, e trazem uma sensação de menos fluidez, e animação mais travada, ou tremida. Alguns estúdios são reconhecidos por mudarem a quantidade de FPS, e às vezes utilizam ainda menos frames, como é o caso da Sony, pioneira no que tem sido chamado de “Choppy animation”, que anima em twos até em fours, criando ainda mais o sentimento de “Glich” ou da “animação travada” (“Why is ‘Choppy’ Animation Better?”, 2023). Porém, essa não é uma característica dos filmes como A Viagem de Chihiro ou Castelo Animado. Ao contrário, mesmo com apenas 12 FPS, as animações do Ghibli são muito fluidas. Por que? Por causa da música. O papel da trilha sonora

4 do estúdio Ghibli é importantíssimo. É de dar tempo e continuidade para cada desenho brilhar e continuar, e assim parecer vivo. O trabalho de animação é de tornar as coisas tridimensionais e reais em desenhos 2d que parecem vivos, é fazer um truque no cérebro de quem assiste para acreditarem que tudo aquilo é real, e que os personagens realmente se movem, respiram e vivem (CALDERA, 2025). (“everything you ever wanted to know about animation”, 2025). Esse efeito é atingido por músicas eruditas não muito “travadas” nem aceleradas, que tornam a base dos filmes mais contínuas e faz com que a animação pareça muito mais fluida do que realmente é.

### **Manifestações de Xintoísmo nas obras do Studio**

Os filmes de Hayao Miyazaki se passam em locais que têm bases em reinos Mágicos/sobrenaturais inspirados em locais do mundo todo, o que trás uma visão bem globalizada destes filmes. Além disso, a maioria dos seres de ficção criados por Hayao Miyazaki apresentam raízes na natureza e espiritualidade japonesa, visto que o xintoísmo é bem presente na cultura do lugar (Morais, 2021). É possível enxergar essa relação tanto nos personagens que trazem designs inspirados em Kamis, mas também na filosofia dos filmes, principalmente quando se trata da natureza. A religião xintoísta é politeísta e extremamente atrelada à natureza, e aos antepassados. Um outro ponto importante do xintoísmo é a questão da pureza, tanto interna quanto externa, que aparece fortemente no filme A viagem de Chihiro. No meio do filme, Chihiro tem o trabalho de limpar um espírito de um rio famoso, mas que está em péssimas condições, por isso ninguém sabia quem era. Como está todo sujo e poluído, ele precisa de ajuda. Quando Chihiro consegue ‘salvar’ esse kami, ele volta a poder voar com forma semelhante a uma serpente ou dragão de água, formato comumente associado aos Kamis de rios e corpos d’água xintoístas. Apesar de muitos dos designs de personagens lembrarem figuras mitológicas do japão, a maioria dos “monstros” que aparecem nos filmes são de autoria do próprio Miyazaki, e pertencem ao universo do estúdio Ghibli somente.

### **Ma e o silêncio**

Ma é uma ideologia milenar japonesa intrinsecamente ligada à cultura nipônica e à vida de sua população. Presente nos mais diversos aspectos de seu cotidiano, possui valores tão atrelados a linguagem, arquitetura, dança, teatro, música, psicologia que seu símbolo se torna muitas vezes uma referência ao se falar da cultura do país.

A princípio, a compreensão do conceito, uma vez complexa, exige o entendimento de sua matriz. Sua origem remonta à idealização de um espaço-vazio que possibilitaria a conexão com o divino a partir de quatro pilastras, onde poderia ou não haver a presença de um celestial. Gerando nesse ponto uma manifestação do “entre-espaço”, a possibilidade do “ser ou não ser” dessa entidade e também do “tempo suspenso”, uma concretização de ideias do próprio espectador ao analisar o local vazio (Okano, 2014).

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Ma remete à espera, ao vazio, ao silêncio, ou espaço entre. Diferente da visão ocidental, como Aristóteles, em que o nada representaria uma falta, Ma denota o devir. Buscamos aprender com Ghibli a sensação de Ma produzida.

Parte importante na conceituação de Ma se inicia ao compreender que seu fundamento explora camadas que se contrapõem à filosofia ocidental. Aristóteles distingue ser e não ser, a dualidade entre algo ser ou não ser, descartando a possibilidade do poder ser (MICHIKO OKANO, 2014). Segundo o filósofo: “É impossível que o mesmo atributo pertença e não pertença ao mesmo tempo e no mesmo respeito ao mesmo objeto.” (Metafísica, Livro IV, 1005b19). Ao lançar o princípio da não contradição, cria um mundo bipolar que omite outras alternativas, sustentado na lógica do terceiro excluído, o “nem ser, nem não ser”.

Logo, no estudo do Ma é necessário se colocar em contraponto a esse pensar ocidental, que exige a interpretação de uma lógica intermediária, a idealização do “entre”, do “ainda não”, a do “vazio com significado”. A busca por essa incompatibilidade com o objetivo e da coexistência do contraditório sujeita uma visão única da possibilidade do ser, que para os japoneses o vazio não é ausência, mas potência.

Ma se compreende, como já visto em sua história de origem, no campo da possibilidade, do semi-signo, do que pode ser ou não ser, do potencial de ambos e na singularidade desse espaço-tempo, essa especificidade sujeita essa filosofia a uma série de conclusões pouco congruentes. Contudo, esse espaço singular e específico onde se encontra o Ma abre margem para a sua valorização, em que os momentos de possibilidade, de espaço branco ou silêncio se tornam por sua vez partes insubstituíveis e com significado, como, por exemplo, a pausa de uma canção, ou o tempo de não ação em uma dança.

### **Manifestações visuais de Ma em O Castelo Animado**

Para fins de exemplo, será demonstrado a presença de Ma nas obras do Studio Ghibli por meio do filme *O Castelo Animado (Howl's Moving Castle)*(2004), pois esse apresenta uma forte ligação com o conceito tanto em sua composição visual como em sua trilha Sonora Dirigido por Hayao Miyazaki, a animação japonesa acompanha a história de Sophie, uma jovem que trabalha em uma chapelaria, e que, após um encontro com o feiticeiro Howl, é amaldiçoada por uma bruxa invejosa e transformada em uma enhora idosa. Em busca de uma forma de quebrar o feitiço, Sophie se envolve com Howl e sua estranha residência: um castelo ambulante que anda sobre pernas mecânicas e abriga figuras únicas, como o demônio do fogo Calcifer e o aprendiz Markl. A trama é baseada no romance "The Wizard Howl and the Fire Devil", da autora britânica Diana Wynne Jones publicado em 1986. A história é rodeada por críticas sociais e alegorias, como a crítica ao militarismo e a guerra violenta que cerca os personagens, além das metáforas atribuídas a eles, como a sabedoria e aceitação encontradas na nova aparência de Sophie e as portas como representação de possibilidade e escapismo.(Belotti, 2024)



Figura 1: Sophie no trem

Fonte: O Castelo Animado. Direção de Hayao Miyazaki, 2004. Disponível em: [IMDB.com](https://www.imdb.com/title/tt0334541/)

A cena representada pela figura 1 tem início no minuto 09:24 e se encerra em 09:35, um total de 11 segundos (tendo como referência o longa metragem retirado do catálogo da Netflix) e apresenta Sophie em um vagão de trem a caminho de sua casa. Esse recorte possui elementos da cidade ao fundo em movimento e a imagem da protagonista estática à direita do enquadramento.

Nesse momento, o filme nos convida a mergulhar na história de Sophie e em seus pensamentos após uma série de acontecimentos, o seu encontro com Howl, a fuga frenética com ele, e a conversa com sua irmã. Essa pausa na trama indica um momento de reflexão da personagem e também do espectador, cria-se um silêncio aconchegante no qual o público tem a oportunidade de se aprofundar mais na obra e absorver seus eventos ao mesmo tempo que interage com o mundo apresentado. Yudhanto e Setyawan descrevem esses momentos como “silêncio entre sons”

O Castelo Animado, onde, em vez de cada momento de cada cena ser determinado pela história, o público é convidado a respirar e depois fazer uma pausa para relaxar. Embora a pausa no momento não tenha nada de especial a acontecer ou mesmo nenhum desenvolvimento da trama, há apenas a ideia de tempo e espaço, então o elemento "O silêncio entre os sons" também é chamado de momento de contemplação. (Yudhanto, Setyawan, 2024)

Essa análise do filme apresenta similaridades com o conceito do silêncio-fundador de Eni Orlandi, uma vez que abre margem para uma significação mais subjetiva do vazio criado no momento que Sophie observa a cidade. Para a linguista: “A linguagem empurra o que ela não

é para o "nada". Mas o silêncio significa esse "nada" se multiplicando em sentidos: quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam.”(Orlandi, 2007, pág. 47), ou seja, as múltiplas interpretações da cena só se tornam possíveis a partir do rompimento do discurso dito.

Portanto, com a aproximação teórica utilizada, pode-se assimilar a experiência individual do espectador em relação ao silêncio, como observa Orlandi, com o fenômeno apontado por Yudhanto e Setyawan, o “o silêncio entre sons” admite uma compreensão mais fluida do caráter de *Ma* no filme.

### **Interações sonoras de *Ma* em *Merry-Go-Round of Life***

Assim como propõe Michiko Okano (2007), o silêncio e o vazio não são ausências, mas elementos ativos na estética japonesa que promovem uma criação emocional muitas vezes subjetiva e profunda. Em uma composição musical, há maneiras de criar essas sensações relacionadas ao *Ma*, como o “tempo suspenso”, local onde há pouca descrição e definição concreta de informações que, por consequência, demanda uma análise maior do espectador ao que lhe é entregue. Ou também, o “entre-espaço”, que sugere a valorização da condição do “poder vir a ser” ou simplesmente o espaço intervalar entre duas coisas.

A trilha que bem exemplifica as interações de *Ma* no Studio Ghibli é *Merry-Go-Round of Life*. Joe Hisaishi, em muitas de suas composições, utiliza-se da estética do entre-espaço e tempo suspenso como forma de gerar em seu ouvinte sentimentos únicos. Para criar essa estética, o compositor faz do piano uma ferramenta para criar a sensação de suspensão, introduzindo de maneira simples e melódica (em sol menor) com um solo do instrumento, a atmosfera do filme. E quanto ao entre-espaço, o piano se faz presente no uso dessa estética de duas formas., Na primeira, ele é o marcador do tempo fictício;, em outra, o aparelho que delimita o ritmo musical. A música, como uma metáfora para a vida humana, passa por várias transformações, altos e baixos, e o marcador de transição dessa montanha russa são os solos do piano. De início, a mudança entre o silêncio e a infância tranquila, depois segue a juventude caótica, e por último, o fim da vida, sereno e lento. Já ritmicamente, cada uma dessas intervenções do piano é o marco da mudança e consequentemente quem conduz os outros instrumentos ao ritmo que irá se suceder, fazendo dele a peça principal do laço do entre-espaço que une as narrativas musicais.

### **Considerações Finais**

Ao pensarmos com as imagens produzidas nas animações de Hayao Miyazaki e Joe Hisaishi encontramos sensações de *Ma*. Para além das conceituações das tradições orientais, *Ma* é uma experiência e não pode/deve ser confundida com a falta. As animações do Studio Ghibli ensinam a ver e sentir o *Ma* como produção de uma experiência.

### **Referências Bibliográficas**

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

ARISTOTELES. Metafísica. [S.l.]: unicamp, 2003.

Everything you ever wanted to know about animation. , 2025. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=AXJDQAC-a1Q>>. Acesso em: 4 ago. 2025

FRANK THOMAS, Ollie Johnson. Disney Animation The Illusion Of Life. [S.l.: S.n.].

Getting SCHOOLED By A Ghibli Background Artist. , 27 jun. 2025. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Hup0lsrY07I>>. Acesso em: 4 ago. 2025

HISAISHI, Joe. Merry-Go-Round of Life. Compositor: Joe Hisaishi. Intérprete: New Japan Philharmonic. [S. l.: s. n.], 2004. Disponível em:

<https://youtu.be/f7SS57LFPco?si=6utcMR44s2EmIKSB>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MORAIS, Amanda Lopes de. O Xintoísmo e os filmes de Hayao Miyazaki: a influência da religião em suas narrativas. TCCS-Cinema de Animação e Artes Digitais, p. 26–26, 30 dez. 2021.

OKANO, Michiko. Ma – a estética do “entre”. Revista USP, n. 100, p. 150–164, 18 fev. 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942- As formas do silêncio: no movimento dos sentidos/Eni Puccinelli Orlandi. -6 ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

TEIXEIRA, Samanta Aline; NAKATA, Milton Koji. ESTÚDIO GHIBLI: UM APARATO SOBRE AS TÉCNICAS ILUSTRATIVAS E FILOSOFIA ORIENTAL DOS PRINCIPAIS LONGAS-METRAGENS DE HAYAO MIYAZAKI. v. 18, n. 03, 2014.

Why is “Choppy” Animation Better? , 2023. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=BBoVomEOKbc>>. Acesso em: 4 ago. 2025

YUDHANTO, Sigied Himawan; ALFAN SETYAWAN, Alfian. Concept (間) MA: Philosophical Identification and Analysis in Animated Films Howl’s Moving Castle. 2024.

### Filmes Mencionados

NAUSICÁ DO VALE DO VENTO. Título original: Kaze no tani no Naushika. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Topcraft. Japão: Toei Company, 1984 (117 min.). Netflix.

PRINCESA MONONOKE. Título original: Mononoke-hime. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 1997 (133 min.). Netflix.

A VIAGEM DE CHIHIRO. Título original: Sen to Chihiro no kamikakushi. Direção: Hayao Miyazaki. Produção de Studio Ghibli. Japão: Toho, 2001 (125 min.). Netflix.